

Telejornalismo: cotidiano e *lugar de segurança*

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas questões para reflexão sobre as relações entre jornalismo e cotidiano, como os noticiários televisivos contribuem para homens e mulheres verem, perceberem, conceberem e vivenciarem o mundo. A nossa hipótese é que os telejornais funcionam como uma espécie de lugar de segurança no mundo da vida. Nossa preocupação é apresentar algumas pistas para entender como a televisão se constitui num lugar de familiaridade e tranqüilidade no dia-a-dia.

Palavras-chave

Telejornalismo, cotidiano e lugar de segurança

Abstract

The paper's goal is to present some questions ant to consider the relations between journalism and daily life. How does TV newscasts contribute to women and men to see, to percept, to conceive and to experience the world? Our hypothesis is that TV newscasts work out as a kind of `safety place`. We present some clues in order to understand how does television constitutes itself as a place of familiarity and tranquility in daily life.

Key words:

TV journalism, daily life, 'safety place`

Os telejornais hoje fazem parte do nosso cotidiano. Para a maioria da sociedade, eles representam a única informação sobre o mundo que os cerca. Através dos noticiários televisivos a sociedade tem a possibilidade de alcançar uma série de fatos aos quais não teriam outra forma de acesso: “o mundo é visível desde os meios massivos de comunicação”(MARTINI; LUCHESSI, 2004) aos quais não teria como aceder se não fossem os noticiários, sobre o que acontece na sociedade, na economia e na cultura.

Um exemplo que é bem marcante: o Jornal Nacional, da Rede Globo, é o noticiário com maior audiência no país com uma média de 42% de IBOPE, com mais de 29 milhões de espectadores (CASTRO, 2005). Como quadro comparativo para mostrar a penetração da televisão no Brasil, os noticiários das maiores redes de tv dos Estados Unidos, ABC, CBS e NBC, não estão entre os dez programas mais assistidos e, em média, cada um não ultrapassa uma audiência de 18 milhões de pessoas num país em que mais de 109 milhões de lares possuem aparelhos de tv (NIELSEN, 2005). É importante ressaltar que o número de lares com televisão no Brasil é de 39 milhões (PNAD, 2002).

Os telejornais de rede, os noticiários regionais e locais hoje fazem parte do nosso cotidiano. Ou seja, contribuem para a construção de parte da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 1995). A agenda diária de cobertura dos fatos pelos telejornais influencia a agenda pública. As consequências desse agendamento e do enquadramento dos acontecimentos feito pelos noticiários sugerem que eles não só nos propõem sobre o que devemos pensar, como também nos propõem como pensar (McCOMBS; SHAW, 1993).

Nas pesquisas que desenvolvemos sobre as relações entre o telejornalismo e o dia-a-dia das pessoas, propomos a hipótese de que os noticiários televisivos locais, regionais e

É na ausência de um espaço sociocultural entre a experiência do indivíduo e do coletivo que se situa o interesse pela televisão

nacionais contribuem para tranquilizar e dar segurança para as pessoas no cotidiano das sociedades complexas (MELLUCCI, 2001). Provisoriamente, entendemos que é possível denominar esse fenômeno como o *lugar de segurança* do telejornalismo.

Com a finalidade de explicar como chegamos a esse conceito, partimos inicialmente do que Wolton (2004) chama de *laço social*. Segundo o autor, os laços primários que dizem respeito à família, à vizinhança, à solidariedade de classe, à pertinência religiosa tornam-se cada vez mais distantes, resultando numa fragilidade nas relações entre a massa e o indivíduo, entre a massa e as pessoas. É nessa ausência de um espaço sociocultural entre a experiência do indivíduo e do coletivo que se situa o interesse pela televisão. Ela funcionaria como um laço estruturante.

Compartilhamos com o autor que não se trata de afirmar que a televisão cria o laço social, pois seria cair num determinismo tecnológico; mas que num período de grande mudança, de profundas rupturas sociais e culturais, de falta de referências, a televisão continua sendo um dos laços sociais da modernidade, e com uma força muito grande em função de sua visibilidade e popularidade.

No Brasil o conceito de laço social pode ajudar para entendermos a importância da televisão no contexto histórico, social, econômico e cultural do País. Wolton (1996) chegou a analisar esse aspecto com relação a nossa sociedade em um estudo que fez sobre a Rede Globo. O que nos interessa da investigação realizada é o que diz respeito ao laço social, quanto ao estudo em si entendemos que se ressentem de um maior aprofundamento sobre o papel daquela empresa de comunicação na sociedade brasileira. Consideramos apressado afirmar

que a “Globo se coloca como uma indústria, um instrumento de modernização e integração e um fator de identidade nacional” (WOLTON, 1996:159).

A comunidade imaginada

No entanto, a análise não impede que se possa apontar para a possibilidade da televisão no Brasil contribuir para a “construção” de laços sociais, fazendo com que o país, mesmo que por momentos, se veja como uma Nação. Nação entendida como uma *comunidade imaginada* (ANDERSON, 2005: .25). Tomemos, por exemplo, a posse do presidente Lula. As televisões brasileiras cobriram passo a passo a cerimônia que aconteceu em Brasília. Naquele momento, os milhões de pessoas que assistiam à televisão faziam parte de um grande laço do país que mostrava um pertencimento a uma Nação chamada Brasil. Elas sabiam que naquele instante, em outras cidades, e em outros estados, cidadãos que provavelmente nunca encontrarão são brasileiros que nem elas.

Para não ficarmos apenas em eventos midiáticos, seguindo a mesma perspectiva, essa sensação de pertencimento, de *laço social*, também se dá das mais diversas formas nos dois grandes gêneros da televisão brasileira: as novelas e os telejornais. Entre as 20 e 22 horas, ao assistirmos a um telejornal de rede e a uma telenovela estabelecemos novamente um *grande laço* nacional. Nos estados e nas cidades pode-mos imaginar que esses vínculos imaginários também se estabelecem quando da apresentação dos telejornais locais de grande audiência.

Uma investigação de Silverstone (1996) sobre a televisão e o cotidiano oferece-nos interessantes pistas para a nossa caminhada na tentativa de discutirmos o conceito do telejornalismo como um *lugar de segurança*. Como

Ao assistirmos a um telejornal de rede e a uma telenovela estabelecemos novamente um grande laço nacional

base no que Giddens (2003) denominou de *segurança ontológica* e no conceito de Winnicott (1975) de *objeto transicional*, Silverstone afirma que a televisão é um lugar onde nos sentimos “em casa”, onde nos sentimos seguros. Interessa-nos aqui o caminho aberto pelo autor para a construção da nossa hipótese discutindo os conceitos de *segurança ontológica* e *objeto transicional*, propondo a aproximação da idéia do telejornal como uma referência de estabilidade e segurança para as pessoas no mundo que as cerca.

Giddens (2003) considera que as rotinas diárias desempenham um papel central na sociedade. Por isso defende que a confiança na continuidade do mundo objetivo e no tecido da atividade social depende de certas conexões especificáveis entre os indivíduos e os contextos nos quais se movimenta no cotidiano. De acordo com o autor, as rotinas fazem parte da continuidade da personalidade do agente. Um exame da rotinização permite-nos explicar as formas características do sistema de relação do sistema de segurança básica e como os processos reflexivamente constituídos são inerentes ao caráter episódico dos encontros. Sendo assim, a vida diária é inseparável do caráter repetitivo do tempo reversível com trajetos, traços ao longo do tempo-espço e associados às características coercitivas e facilitadoras do corpo:

A rotina, psicologicamente ligada à minimização das fontes inconscientes de ansiedades, é a forma predominante de atividade social cotidiana. A maioria das práticas diárias são diretamente motivadas. As práticas rotinizadas constituem a expressão primordial da dualidade da estrutura com relação à continuidade social. No desempenho de rotinas, os agentes alimentam um sentimento de **segurança ontológica**. (grifo nosso). (Giddens, 2003: 322.)

A seguridade ontológica mostra a fé que a maior parte dos seres humanos tem na continuidade de sua identidade própria e na *estabilidade* dos meios circundantes de ação social e material. A crença na fidelidade das pessoas e das coisas, essencial à noção de confiança, é fundamental para os sentimentos de segurança ontológica.

No que diz respeito ao telejornalismo, poderíamos dizer que a forma como os telejornais organizam as coisas do mundo, procurando dar uma ordem ao caos circundante, tornaria o mundo um lugar de *segurança ontológica* para as pessoas. Mais adiante voltaremos a abordar com mais detalhes essa questão da segurança, trabalhando-a de uma forma integrada com os conceitos de *objetos transicionais* e *espaço temporário* de Winnicott (1975).

Grosso modo, os *objetos transicionais* surgem numa fase posterior do desenvolvimento do bebê depois da “mão na boca” e da “mão no genital”. Mais cedo ou mais tarde surge uma tendência de manipulação dos objetos externos ao corpo que Winnicott chama de “não-eu”. O autor comenta que esses objetos representam o seio materno, no entanto, o que lhe interessa é mostrar que eles funcionam como uma espécie de “lugar de tranquilidade” para os bebês.

“De tudo isso também (se estudarmos qualquer bebê), pode surgir alguma coisa ou algum fenômeno – talvez uma bola de lã, uma ponta de um cobertor ou edredão, uma palavra ou uma melodia, ou maneirismo – que, para o bebê, se torna vitalmente importante para o seu uso no momento de dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade do tipo depressivo. Talvez um objeto macio, ou outro tipo de objeto, tenha sido encontrado e usado pelo bebê, tornando-se assim aquilo e que eu estou chamando de *objeto transicional*. (WINNICOTT, 1975:17.)

A forma como os telejornais organizam as coisas, procurando dar uma ordem ao caos circundante, tornaria o mundo um lugar de segurança ontológica

A televisão no cotidiano das pessoas representaria esse *objeto transicional*, uma espécie de referência, de estabilidade, diante da violência, da insegurança e da complexidade do cotidiano. Os telejornais funcionariam como uma *janela* para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá e tudo não se transformou num caos, a vida segue a sua normalidade. É importante enfatizarmos que estamos particularmente interessados em ressaltar o aspecto desenvolvido por Winnicott que diz respeito ao *objeto transicional* como um objeto que dá segurança.

A confiança, a crença e a segurança

As definições de *segurança ontológica* e *objeto transicional* ajudam a construirmos os primeiros contornos do telejornalismo como um *lugar de segurança*. Trabalhando com os dois conceitos de forma integrada e estabelecendo suas relações com o dia-a-dia das pessoas podemos considerar, por exemplo, que as pessoas ao sentarem-se nos sofás de suas casas ao final de um dia de trabalho procuram, além de se informar sobre o entorno, ter a segurança de que o *mundo lá fora*, apesar dos conflitos, das tensões, da falta de emprego e da insegurança é um mundo no qual é possível de se viver. O noticiário televisivo desempenharia, então, o papel de um desses lugares de segurança.

A confiança, a crença e a segurança são centrais para a sobrevivência do homem. Como observou Schutz (2003) ao falar da atitude natural dos homens e das mulheres com relação ao mundo da vida. No dia-a-dia adotamos uma postura de suspensão da dúvida em relação ao cotidiano. Ou seja, cremos que as coisas são como estão evidenciadas na realidade. Isso não pode nos levar ao raciocínio contrário, o de que as pessoas não têm dúvidas com relação ao que observam e percebem no dia-a-dia. Como uma forma de sobrevivência, elas suspendem a dúvida.

Vejamos um exemplo. De manhã pego meu carro e vou para o trabalho. Ora, quando estou dirigindo não coloco em dúvida o tempo todo se alguém que vêm com outro carro na minha direção vai bater em mim, se um pedestre que está na calçada está com intenção de se jogar na minha frente etc. Ou seja, tenho confiança em que as *coisas são como são*. Isso me dá segurança. Dentro desse contexto, minha atitude com relação aos telejornais não é diferente: a forma como são organizados, a sucessão das notícias, o final com uma mensagem de esperança, ou com uma matéria *para cima*, para levantar o ânimo (VIZEU, 2000) deixam-me mais confiante no mundo, mais informado sobre ele.

O *lugar de segurança* do telejornal está intimamente ligado às características do campo do jornalismo, em particular, do noticiário televisivo. Como afirma Gomis (1991), a sociedade humana se faz presente nos noticiários. Num mundo complexo, a imagem jornalística da realidade se converteu à referência geral do *hic et nunc* que nos envolve.

O primeiro círculo de referência dos homens foram seus vizinhos, a realidade mais próxima. Durante séculos nas tribos, aldeias, bairros das cidades, as conversas entre os vizinhos construíam um mundo diário de referências cambiantes, de pequenas novidades do dia-a-dia que constituíam a sociedade imediata e reduzida em que cada um vivia. Num segundo momento, com o surgimento da mídia, o acesso às informações, ao mundo, foi se tornando cada vez mais complexo. Os vizinhos de rua continuaram conversando e trocando informações sobre seu cotidiano, mas com um novo personagem: a imprensa serve como referência para muitos dos comentários.

A imagem da vizinhança sempre é uma imagem construída socialmente. As notícias

Num mundo complexo, a imagem jornalística da realidade se converteu à referência geral do *hic et nunc* que nos envolve

também são construções sociais, a diferença é que não estamos mais tratando das conversas diárias, mas da produção, circulação e consumo da informação em sociedades complexas. Nesse sentido, a imagem que a mídia constrói da realidade é resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do *espetáculo mundano* e o público.

Compartilhamos a descrição de Gomis (1991), e consideramos que a mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico. Como argumenta o autor, o que a mídia apresenta não é nem espelho nem janela da realidade e não poderia ser de outra maneira, uma vez em ambos as metáforas não são levadas em conta. No entanto, elas são essenciais para a mídia, em particular na produção da notícia. A linguagem permite “fazer presente” uma diversidade de objetos que se acham ausentes do “aqui e agora”:

Todo um mundo pode se atualizar a qualquer momento graças à linguagem. A linguagem *faz presente* não só os semelhantes que estão fisicamente ausentes nesse momento, mas também recorda ou reconstrói o passado, como também outros projetos futuros como figuras reais ou imaginárias (Gomis, 1991: 17.)

A mídia hoje é essencial para a vida em sociedade. Gomis (2001) faz uma simulação que funciona como um exemplo interessante para demonstrarmos a hipótese que estamos propondo do telejornal como um *lugar de segurança*. Tomemos a situação do Brasil no momento atual, com uma série de apurações sobre casos de corrupção com políticos e membros do governo sob suspeita.

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade

Imaginemos que, de uma hora para outra, os noticiários fossem interrompidos. A sensação inicial para muitos de nós – o passado próximo logo traria à memória episódios recentes da história brasileira – é que um golpe militar poderia estar a caminho; para outros, a ausência de informações poderia implicar um quadro de medo no porvir. O caos se instalaria e provavelmente só retomariamos de novo a normalidade com a volta dos noticiários explicando o que ocorrera. De certa forma, a ausência da informação deixa um *vazio de segurança*.

Ou seja, os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para uma organização do mundo circundante, colocando-se como uma espécie de *lugar de segurança*. O jornalismo pode, então, ser entendido como uma forma de conhecimento do mundo.

Um dos primeiros pesquisadores a trabalhar essa perspectiva foi Park (1972). Com base no pensador William James, um dos principais representantes do pragmatismo, movimento filosófico que exerceu profunda influência no pensamento norte-americano durante parte do século XX, existem dois tipos fundamentais de conhecimento: *o conhecimento de* e *o conhecimento acerca de*.

Resumidamente, o *conhecimento de* é uma espécie de conhecimento que adquirimos no curso dos nossos encontros pessoais e de primeira mão do mundo que nos rodeia. Já o *conhecimento acerca de* é formal. É o conhecimento que atingiu certo grau de precisão e exatidão substituindo a realidade concreta por idéias e as coisas por palavras.

Conforme Park (1972), como forma de conhecimento, a notícia não cuida essencialmente

do passado nem do futuro, senão do presente – e por isso foi descrita pelos psicólogos como o *presente precioso* por ser uma *mercadoria* sumamente perecível. Segundo o autor, a notícia realiza para o público, de certo modo, as mesmas funções da percepção. Ele defende que a função da notícia é orientar o homem e a sociedade num mundo real.

Genro Filho (1977) num interessante trabalho, fundamental para quem quer pensar o jornalismo como uma *forma social de conhecimento*, apesar de reconhecer a contribuição de Park, critica seus pressupostos teóricos afirmando que ele não vai além da função orgânica da notícia e da atividade jornalística. No entender dele, a postura assumida por Park é redutora porque supõe uma espécie de *senso comum* isento das contradições internas, cuja função seria somente reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade.

No entender de Genro Filho, o conhecimento jornalístico constitui um *gênero* e não apenas um grau de abstração. Explica que o aspecto central desse gênero de conhecimento é a apropriação do real pela via da *singularidade*, ou seja, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica. Nesse sentido, não se trata simplesmente de conhecimento que faz as pessoas sentirem-se à vontade no mundo que escolheram.

Com base no referencial teórico de Genro Filho, Meditsch (1992) argumenta que o conhecimento do jornalismo é diferente do conhecimento da ciência. Enquanto o primeiro é o modo de conhecimento do mundo sensível, o segundo é o modo de conhecimento do mundo explicável. A Ciência trabalha com hipóteses, enquanto o Jornalismo trabalha com o universo das notícias que diz respeito às aparências do mundo.

No nível metodológico isso resulta em diferenças importantes. A hipótese está relacionada como a experimentação controlada. É um corte abstrato na realidade através do isolamento de variáveis que permita a obtenção de respostas a um questionamento baseado em conhecimento anterior. A teoria científica expõe uma relação entre fatos e a partir dela surgem novas deduções através da lógica (MEDITSCH, 1992).

De acordo com Meditsch, o Jornalismo, por sua vez, não parte de uma hipótese, mas de uma *pauta* (agenda de assuntos que podem virar notícia). A pauta, diferentemente da hipótese, não surge de um sistema teórico anterior, mas da observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica). Na pauta, o isolamento das variáveis é substituído pelo ideal de apreender o fato dos mais diversos pontos de vista. Isso determina o limite da abstração possível no modo de conhecimento do Jornalismo e sua possibilidade de acumulação. O conhecimento produzido pelo jornalismo é de fundamental importância para a sociedade.

A definição de jornalismo como uma forma de conhecimento é uma teoria em construção. No entanto, tendo como pressuposto a nossa hipótese geral desse entrelaçamento entre telejornalismo e cotidiano é possível propor algumas questões para reflexão que devem, com certeza, ser pesquisadas e aprofundadas. Entendemos que o conhecimento do jornalismo, isso não é uma novidade para os teóricos da área, não é o conhecimento do senso comum nem o da ciência. Ficaria numa zona de mediação entre o senso comum e o conhecimento científico. Acreditamos que pontuando algumas diferenças que vemos entre a Ciência e o Jornalismo o delineamento do que seja jornalismo como uma forma de conhecimento vai ficando mais visível.

O discurso jornalístico é exotérico, contrapondo-se dessa forma ao discurso das Ciências que é

da ordem do esotérico. Na Grécia Antiga, esse último termo era utilizado para indicar doutrinas ou ensinamentos reservados aos discípulos de uma escola que não podiam ser comunicados aos estranhos. Exotérico é muitas vezes empregado por Aristóteles para designar suas obras populares, destinadas ao grande público na forma de diálogos (ABBAGNAMO, 2003).

● *lugar de segurança*

O conhecimento científico, estou me referindo ao modelo tradicional (SANTOS, 1998), trabalha com experimentações controladas, realiza cortes abstratos sobre a realidade para obter resposta de determinados fenômenos com a finalidade de investigar, analisar, sistematizar e organizar dados. Abstrai um aspecto diferente dos fatos e estabelece leis que regem as relações entre eles. Trata-se de um conhecimento esotérico, posto que do domínio de um grupo especializado (os cientistas) e cuja preocupação não é a visibilidade pública.

Já o conhecimento do Jornalismo tem como preocupação a publicização, a transparência coletiva, trabalha com fatos desprezados pelas ciências como, por exemplo, afetos, comportamentos, dramas etc. A preocupação é exotérica, ou seja, tornar público. Além disso, não parte de uma hipótese nem de um sistema teórico anterior. Seu referente é a realidade, o cotidiano, a observação não controlada. Trata-se de aprender os fatos do ponto de vista da sua singularidade.

Não é preocupação do Jornalismo, como o é da Ciência, o conhecimento essencial das coisas, isolar o texto do contexto, a sistematização e acumulação de conteúdos. Pelo contrário, interessam ao Jornalismo os aspectos da realidade que escapam à metodologia das Ciências. Ele está *preso* e vinculado ao contexto, ao senso comum, é um conhecimento sintético e holístico, o conhecimento de uma forma integrada.

Interessam ao jornalismo os aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências

Os jornalistas, de uma maneira geral, têm uma preocupação didática com relação à audiência

Por isso, na prática diária da produção da notícia, os jornalistas procuram trabalhar no sentido de tornar mais familiar o mundo em que vivemos, como uma espécie de *lugar de segurança* num mundo cada vez mais inseguro. Essa preocupação em tornar o mundo da vida mais familiar ocorre muitas vezes no jornalismo, o que definimos como uma função didática do jornalismo (VIZEU, 2002).

Os jornalistas, de uma maneira geral, têm uma preocupação *didática* com relação à audiência. Isso é trabalhado desde os tempos da universidade até o dia-a-dia da redação. No que diz respeito ao mundo acadêmico, o livro de Paternostro, *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*, adotado pela maioria dos cursos de jornalismo do Brasil, é um exemplo disso.

No capítulo que trata do texto coloquial, a autora diz que a tevê tem a obrigação de respeitar o telespectador e transmitir a informação em uma linguagem coloquial e correta. Ela explica que quem assiste ao telejornal só ouve o texto uma vez, por isso deve ser capaz de captá-lo, processá-lo e retê-lo instantaneamente. Não há uma segunda chance.

Se o telespectador se desligar, não há desculpas: o erro foi nosso. Quanto mais as palavras (ou o texto como um todo) forem ‘familiares’ ao telespectador, maior será o grau de comunicação. As palavras e as estruturas das frases devem estar o mais próximo possível de uma conversa. Devemos usar palavras simples e fortes, elegantes e bonitas, apropriadas ao significado e à circunstância da história que queremos contar. (PATERNOSTRO, 1999: 78-85).

O *Manual de Telejornalismo da Rede Globo* assume um *ar professoral* ao explicar como deve ser tratado o telespectador, a audiência:

Um dos grandes desafios do telejornalismo é a ‘tradução’ de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros, etc. Tanto o repórter – na hora de colher as informações – como o redator, na hora de escrever o *off*, a cabeça da matéria deve ser humilde o suficiente para perguntar, pesquisar e simplificar (...) É preferível sermos tachados de *professorais* por uma elite de escolarização a não sermos entendidos por uma massa enorme de telespectadores comuns. (MANUAL DA GLOBO DE TELEJORNALISMO, Central Globo de Jornalismo, 1986:23-24).

Dezesseis anos depois, o *Novo Manual de Telejornalismo da Rede Globo* (2001) não foge muito das recomendações do primeiro na sua preocupação com a audiência. Segundo o manual, toda informação deve ser precisa, cada imagem ou cada palavra escolhida criteriosamente, sob pena de distorcer os fatos e confundir o telespectador:

A nossa honestidade e ética podem ser involuntariamente comprometidas por imprecisões que levem ao telespectador a nos confundir com praticantes de um jornalismo tendencioso e irresponsável...(NOVO MANUAL DE TELEJORNALISMO DA REDE GLOBO, no prelo).

O Manual de Telejornalismo do SBT também segue a mesma linha ao tratar da audiência:

Nada é mais absurdo em televisão do que ouvir um repórter ou apresentador falando como se estivesse lendo um boletim de ocorrência numa delegacia de polícia ou mesmo um trecho de um relatório

econômico. Funcionários do governo e acadêmicos em geral adoram estes termos complicados, que parecem funcionar como uma chave em um círculo fechado. Nossa função é decifrar esses jargões e passar tudo para uma linguagem de massa, que possa ser entendida por todas as pessoas que estiverem vendo o noticiário (MANUAL DE TELEJORNALISMO DO SBT) (Não publicado. De uso interno do SBT).

Para Fausto Neto (1991), os manuais contribuem para condicionar os procedimentos de leitura do campo da recepção, estruturando-a, segundo certas regras. Isto é, o leitor – ou no sentido mais geral, o receptor dos suportes de comunicação – é alguém construído na própria economia enunciativa.

O *outro* que compõe a cadeia interativa da linguagem jornalística não é apenas um personagem revestido com certos matizes de indicadores sociais, ele é constituído na própria produção imaginária dos organizadores e enunciadores do discurso.

Fausto Neto (1991: 37-38), ao analisar o *Manual de Jornalismo da Folha de São Paulo*, mostra que a chamada *função didática* do jornalismo está sempre presente na atividade diária dos jornalistas. Segundo o autor, o *Manual da Folha* recomenda que cada tema deva ser decomposto em suas partes constitutivas, esmiuçado e levado ao leitor de maneira simples e *didática*. Sublinha o autor, é como se o leitor fosse uma *caixa-vazia*, desprovido de um sistema de cognição.

Verón (1983 a) vê o jornalista como um *enunciador pedagógico*, que pré-ordena o universo do discurso visando o leitor, que procura orientar, responder-lhe às questões, em suma informar, sempre guardando uma distância do objetivo dele.

O leitor – ou no sentido mais geral, o receptor dos suportes de comunicação – é alguém construído na própria economia enunciativa

Vilches (1989) observa que não se pode esquecer que o telejornal estabelece com o espectador (audiência) uma relação pedagógica, pois ensina como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa e em que condições deve aprender as características do gênero. Ou seja, operando de uma forma *didática* a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público.

Ao final deste trabalho, entendemos que é possível esboçar uma definição provisória desse *lugar de segurança* que o telejornalismo acaba desempenhando na sociedade. O medo do diferente, do estranho é profundamente arraigado no ser humano. É o resultado da ameaça de perdermos os referenciais, de perder o contato com a continuidade do cotidiano que garante a segurança. “Quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que não é *exatamente* como deveria ser, nós instintivamente rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida”. (MOSCOVICI, 2003).

Podemos enunciar, apropriando-nos de uma forma livre, com um olhar do campo do Jornalismo, da perspectiva apresentada por Moscovici com relação às *representações sociais*, que o jornalismo, em particular o televisivo, funcionaria como uma espécie de *fábrica* que tem como uma das suas preocupações tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade.

Com isso contribui para superar o medo, a insegurança e integrá-lo ao nosso mundo mental e físico que é transformado e enriquecido. O que parecia abstrato se torna concreto e quase normal. O desconhecido é familiarizado e por isso traz a segurança de algo “já visto” e “já conhecido”. Esse processo conforta as pessoas restabelecendo um sentido de continuidade no grupo ou no indivíduo

ameaçado com descontinuidade e falta de sentido. A esse processo de familiarização chamamos provisoriamente de *lugar de segurança* do telejornalismo.

Sobre o autor

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco e membro do Conselho Científico da SBPJor.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Lisboa : Edições 70, 2005.

BERGER, P. T., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

CASTRO, D. Brasileiro consome quase 5 h diárias de tv. **Folha de São Paulo**: São Paulo, 11 de janeiro de 2005, Folha Ilustrada, p. E4.

GENRO, A. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1977.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

GOMIS, L. **Teoria del periodismo : se forma el presente**. México : Paidós, 1991.

GUARESCHI, P. Representações sociais. In: GUARESCHI, P. et al. **Os construtores da informação : meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis : Vozes, 2000.

MANUAL DA GLOBO DE TELEJORNALISMO. **Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro : Globo, 1986.

MANUAL DE TELEJORNALISMO DO SBT. São Paulo : SBT. (Não publicado. De uso interno do SBT.)

MARTINI, S.; LUCHESSI, L. **Los que hacen**

la noticia : periodismo, información y poder.

Buenos Aires : Biblos, 2004.

McCOMBS, M. E, SHAW, D. L. The evolution of agenda-setting : twenty five years in the marketplace ideas. **Journal of Communication**, v. 43, n. 2, p.58-67,1993.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MELUCCI, A. **A invenção do presente : movimento sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis : Vozes, 2001.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Petrópolis : Vozes, 2003.

NIELSEN. **Nielsen Media Research**. Disponível em < http://www.nielsenmedia.com/ratings/broadcasting_programs.html > Acesso em 12 de janeiro de 2005.

NOVO MANUAL DE TELEJORNALISMO DA REDE GLOBO. **Central Globo de Jornalismo**. Rio de Janeiro : Globo [2001?]. No prelo.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento : um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, C. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na tv : manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro : Campus, 1999.

PNAD 2002. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio**. IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2002/default.shtm> Acesso em 27 de julho de 2005.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 10 ed. Portugal : Afrontamento, 1998.

SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires : Amorrortu, 2003.

SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires : Amorrortu, 1996.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona : Gili, 1983.

VERÓN, E. Il est là, je le vois, il me parle. **Revue Communications**, n.38, Paris : Seuil, 1983.

VILCHES, L. **Manipulación de la información televisiva**. Barcelona : Paidós, 1989.

VIZEU, A. **A audiência presumida nas notícias no caso dos telejornais locais** . Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2002. Tese (Doutorado em Comunicação Social)

VIZEU, A. **Decidindo o que é notícia** : os bastidores do telejornalismo. 1 ed. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2000.

WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília : Editora da UNB, 2004.

WOLTON, D. **Elogio do grande público**. São Paulo : Ática, 1996 .

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro : Imago, 1975.